POEMAS DE ADERSEN CHRESTANI[1]

DÚVIDA

O não, ante às circunstâncias, é sim.
Não obstante,
Há que se saber dizer não e, talvez, sim.
O que importa é a resposta precisa.
É preciso que seja, a resposta,
A representação do sentimento,
Pois exorta,
Mesmo que você não tenha
Voz nem vez.
É, talvez, nesse martírio de dúvida,
Que o pensamento muda e, destarte,
O sentimento transmuda ou se consolida.
E, assim, nas dúvidas da vida,
O sonho pode se realizar ou
Ser adiado,
Por um sim, simplesmente, ou
Por um "não, obrigado".

VIVERSIFICANDO

Vir e ver com o verso,
Ficar e andar no verbo,
Viversificando.
Sem método, nem métrica.
Sem veia, versifico.
Vou te contar um segredo,
Na certeza, razão.
Na dúvida, coração.
O importante é não ter medo!
O simples como forma,
O bom senso de conteúdo.
Haverá, contudo,
Sempre uma saída,
Para continuar a construir
Essa poesia que é a vida.

INDESUNÍVEL

Às vezes saio de mim,
Viajo em mundos outros,
Em dimensões tais,
Que nem posso dizer.
Me abstraio do eu corpo,
Pecador por natureza,
Que fica assim,

[1] Advogado e poeta gaúcho / adersen.chrestani@hotmail.com

Ferida aberta,
A esperar o eu que foi
Em busca da pureza.
Viajo além dos sete pecados
Até o mundo onde habitam
Os pensamentos,
Prá me isolar de mim mesmo,
Como ensinou o poeta.
Quando volto trago a leveza
Antes intangível
E a certeza que essa cisão
Me fez sereno e forte
Juntando meus eus
Num único indesunível.

DEPOIS DA CHUVA

Que chova a chuva toda,
Que cerre aos montes,
A visão.
Que esgote esse outono
Da alma
Nesse fim de inverno,
Essa falsa chuva de verão.
Que leva a termo
Esse vazio cinzento
Que trava o tempo,
Mas que depois
Raie o sol
E que se liberte o céu,
Então será primavera,
Se aquecerá a terra
E rebrotará a vida,
Na própria torrente
Consumida.

ZERO GRAU

Eu mal esperava
A manhã vestida de branco
A neblina que cerra
O sol que se esgueira...
Fogão à lenha.
E na tarde fria ensolarada
Pessoas na calçada...
Calor humano.
E quando a noite chega
Longa, elegante e negra
Um cálice de vinho
Olhos nos olhos...
O amor.
Na madrugada
Paixão exacerbada...
Calor do cobertor.

FOTOGRAFIA

Luz e sombra
Nas obras do tempo
Outras luzes, novas matizes
A vida é policrômica
E se revela a partir do seu olhar
É o teu foco que diferencia
No desvelo de sua alma
O que é céu e o que é mar
Mas, se emolduramos a vida
Para guardá-la na gaveta
É quando assopramos a poeira
Com nosso hálito quente
Em nostalgia
Que a velha chama reacende
E nos impulsiona para o futuro
Então descobrimos
Que os sonhos não realizados
Ainda dormem misturados
Às cores de uma fotografia.

BREVES NOTÍCIAS DAQUI

Hoje quando acordei,
Deparei-me, enfastiado,
Com uma manhã lobuna,
De tempo antipático,
De horizonte cerrado,
De horas que não passam,
Sem cor, sem perfume...
Diferente de ontem,
Quando a cidade coloriu-se
Das mais belas flores,
E de sorrisos, e exalando odores
E o sol brilhou mais forte
Querendo exibir-se para você.
E nesse paradoxo,
Do ontem e do hoje,
A vida passa
E só a esperança conforta...
Quando você volta?

TEU OLHAR

Será que a todos assiste
Esse céu tão azul e
Este dia ensolarado?
Ou apenas eu
É que fui privilegiado
Por trazer indelével
Na retina dos meus
A luz fascinante
Dos olhos teus?

AMOR DIFERENTE

Celebremos a chuva
Como se fosse um bálsamo,
Que abranda a vida,
Que lava a alma.
Não importa quais feridas
Estejam abertas,
Nem importa o que somos,
Ou se amamos na mesma medida.
Quando te olho
Só vejo em ti os sentimentos
Que eu mesmo concebo,
Por isso não sei
Qual forma de amor há
Nas respostas que recebo.
Mas já não faz sentido
Querer desvendar segredos,
O que importa é que não deixemos
Que nossos medos transmudem
O que nos foi reservado:
Um amor diferente
E nenhum sentimento sufocado.

FULL-TIME

De dia ela é sol forte
Assoma devagar e me aquece
Ante seu brilho e poder
Meu coração arrefece.

Ainda no ocaso, já é lua,
Desfila nova fase na noite serena,
Sempre alta e soberana,
Mas nem sempre plena.

Quando rompe a madrugada,
Ela é crepúsculo insurgindo o arrebol
Mistura cores e queda-se estaçada.

O ciclo se fecha, é rotação.
Mas num átimo se ilumina, novamente é sol...
E eu a girar no eixo solidão.

O ARREBOL

Quanto mais densa a nuvem
Mais colorido fica o arrebol.
Sem a chuva não se faz o gérmen,
Nem a lua brilha à noite
Se não há o pôr do sol.
Já não importa o dia ontem,
O que passou o tempo engoliu,
Pois para o futuro vai apenas

Nossa lucidez e nosso desvario,
Que é para termos o direito
De continuar errando,
Que é para termos o dever
De acertar de vez em quando.

EMPREGO DOS PORQUÊS

Mais uma vez estou
Diante desta porta
E mais uma vez
Hesito em abri-la.
São tantos senões
Que reprimem meu querer.
Antes havia segurança,
Tudo ao alcance das mãos,
Mas agora não,
Porque uma nuvem
Turva minha visão,
E fica difícil entender
O porquê...
Por quê?
Por que penso tanto em você?

O ÚLTIMO CÁLICE

Havíamos combinado outro encontro
Para celebrar com um cálice de vinho.
Mas, você se foi antes, fiquei sozinho,
E todas as coisas perderam o encanto.
De vez em quando eu deito no chão,
Como fazia no tempo que a conheci,
Até posso ouvir aquela etérea canção
Que você assobiava para eu dormir:
Melodia das verdes matas e vertentes,
Das ruínas distantes sobre os montes,
Trazendo mistérios de outros nortes,
Onde jamais estivemos fisicamente.
Você superou seus dias de escuridão
E eu, trôpego, persisto nesse destino:
Cominho lôbrego, de flor e espinho,
Que recomeça tosco a cada manhã.
Sou o condor sobrevoando o que restou
Na esperança vital de lhe encontrar,
Com a mesa posta para aquele jantar,
Para descobrir afinal quem eu sou:
Seu filho, seu irmão, seu AMOR?
Ah, o seu amor ainda está aqui!
Visceral, pra revolver tudo que senti,
Epidérmico, qual um manto protetor.
Desperto com o uivo lúgubre do vento
Na madrugada que nunca amanhecerá
E a tristeza daquele alvorecer cinzento,
No brinde do último cálice, desvanecerá.

MINHAS MÃOS

Minhas mãos ágeis
já percorreram relevos macios
E encheram-se de graça.
Minhas mãos laboriosas
já labutaram em relvas frias
E calejaram-se que basta.

Minhas mãos solenes
já gesticularam discursos
E exortaram as massas.
Minhas mãos protestantes
já apuparam vetustos
E aplaudiram pirraças.

Minhas mãos tristes
já acenaram despedidas
E cumprimentaram chegadas.
Minhas mãos feias
já se esconderam em luvas
E choraram caladas.

Minhas mãos velhas estão silentes
E cheias de zelos.
Minhas mãos trêmulas querem tão somente
Acariciar os teus cabelos.